

“Em tão perigosa viagem”:¹ carta de um suposto suicida português, século XVIII

*“In such a dangerous trip”: letter from an alleged Portuguese
suicide, 18th century*



RESUMO

No século XVIII europeu, marcado pelas transformações nos estudos científicos, a publicação de impressos que discutissem a prática ou a vontade pelo suicídio ganhou certa relevância editorial. O documento aqui apresentado, intitulado *Relação de hum notavel caso, que aconteceu nesta cidade de Lisboa, e lamentavel succésso acontecido em o dia treze de Junho do anno de 1755. Cópia de huma carta. Obra digna de attenção dos Leitores*, foi publicado em Portugal sem indicação de casa tipográfica no mesmo ano do fato ocorrido. Sobre esta fonte inédita, indicamos algumas potencialidades temáticas de pesquisa de caráter historiográfico, especialmente em relação à morte por meio do suicídio e a compreensão católica desse ato naquele contexto. Por fim, comentamos, ainda que de modo breve, tanto alguns entendimentos sobre o texto, quanto a situação em si relatada.

Palavras-chave: Suicídio - Literatura de cordel – Lisboa – Igreja Católica.

ABSTRACT

In the European eighteenth century, marked by changes in scientific studies, the publication of printed documents that discussed the practice or the will for suicide gained some editorial relevance. The document presented here, entitled *Relação de hum notavel caso, que aconteceu nesta cidade de Lisboa, e lamentavel succésso acontecido em o dia treze de Junho do anno de 1755. Cópia de huma carta. Obra digna de attenção dos Leitores* [Relation of a notable case, which takes place in this city of Lisbon, is regrettable what happened on the thirteenth of June in the year 1755. Copy of a letter. A work worthy of the readers' attention], it was published in Portugal without indication of a typographical house in the same year of the event. On this source, we indicate some thematic research potentialities of a historiographical character, especially in relation to death through suicide and the Catholic understanding of that act in that context. Finally, we comment, albeit briefly, on some understandings about the text and the situation itself.

Keywords: Suicide – String literature – Lisbon – Catholic Church.

¹ Somos gratos a Jean Luiz Neves Abreu, Jorge Fernandes Alves, Maria Antónia Lopes e Maria Marta Lobo de Araújo pelas indicações de arquivos portugueses, de repositórios de textos online, de referências bibliográficas e de fontes, as quais muito contribuíram para a configuração final do texto.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. Atualmente é professor de Matemática na Rede Municipal de Educação em Porto Alegre. Faz parte do Grupo de Estudos sobre Ensino de Matemática nos Anos Iniciais (GEEMAI/UFPEL) e do Grupo de Estudos Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos (CEIbero/UFMG). CV: <<http://lattes.cnpq.br/4008578949922269>>.

** Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS/RS. Professor Adjunto no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). CV: <<http://lattes.cnpq.br/5567003394621139>>.



Na Europa do século XVIII, marcada pela intensificação dos estudos científicos, publicações sobre o suicídio, percebido enquanto uma forma voluntária de morrer, ganhavam certa relevância editorial, especialmente na Inglaterra e na França, uma vez que na primeira, o fenômeno acabou por se constituir como uma espécie de mito,¹ enquanto na segunda, a intensa produção filosófica possibilitou maior discussão sobre os sentidos da vida. Em Portugal, muito certamente, o tema pautou interesses, mas não a ponto de merecer publicações que trouxessem reflexões exclusivas a respeito dessa prática, de modo que a palavra “suicídio” figurasse no título de impressos. Logo, de imediato, identificamos certo silenciamento sobre o tema em obras publicadas e/ou traduzidas durante o século XVIII em Portugal, sendo mais provável que o suicídio ou tenha sido um tema interdito, ou apenas um entendimento secundário, abordado, dentre outros, em obras religiosas, morais, filosóficas e científicas.

Não é à toa, portanto, que o universo de produção historiográfica europeu voltado ao suicídio no período moderno, tem a Inglaterra como recorte privilegiado de estudo,² pois lá o termo “suicídio” teria sido reinventado no século XVII (Brown, 2004, p. 473) e no século seguinte, como uma “moda sofisticada”, publicaram-se inúmeros tratados a respeito da morte voluntária, a favor ou contra (Minois, 2018, p. 261). Desde, pelo menos, o século XIX, em Portugal, o suicídio foi objeto de atenção para inúmeros estudos, especialmente nas áreas médicas.³ Em relação às pesquisas históricas, o interesse está voltado a diferentes épocas,⁴ carecendo a historiografia portuguesa, no nosso entender, de estudos específicos sobre o suicídio no período moderno. Já no Brasil, o interesse investigativo por esta prática vem crescendo nas duas últimas décadas, com destaque para trabalhos acadêmicos e traduções.⁵ Demais estudos sobre o suicídio na contemporaneidade tem merecido muito mais atenção de sociólogos, antropólogos, filósofos, médicos, enfermeiros, psiquiatras e psicólogos.⁶

A fonte inédita que aqui apresentamos e comentamos trata da carta de um suposto suicida e as breves explanações realizadas sobre ela por um narrador desconhecido. Publicada

¹ Chamado na Europa do século XVIII de “doença inglesa”, segundo Georges Minois (2018, p. 272).

² Veja-se, por exemplo, em ordem cronológica de publicação: MacDonald, 1986; Hunter, 2003; Watt, 2004; Houston, 2010.

³ Valle, *O Suicídio*, 1881; Viegas, *O suicídio livre em face da religião, da moral e da sociedade*, 1901; Cascarejo, *Dois casos de suicídio por envenenamento pelo ácido phenico*, 1904; Paula, *O suicídio voluntário*, 1907; Machado, *Suicídios e suas tentativas no Pôrto: estatística (1900- 1915)*, 1919; Nunes, *Mortalidade em Portugal*, 1923. Outras referências podem ser conferidas no repositório de monografias sobre o suicídio publicadas por autores portugueses da Sociedade Portuguesa de Suicidologia: <https://www.spsuicidologia.com/generalidades/biblioteca/publicacoes/137-repositorio-monografias-sobre-o-suicidio-publicadas-por-autores-portugueses>. Acessado em 23 maio 2020. Sobre o suicídio em Portugal em contexto contemporâneo, ver Nunes (2018). O suicídio ganha relevância também na literatura portuguesa contemporânea, seja através de romances, como *Homens imprudentemente poéticos* (2016), de Valter Hugo Mãe, seja através de outros gêneros literários, como aquelas com apelo ao grande público, como *Suicídios famosos em Portugal* (2007), de José Brandão.

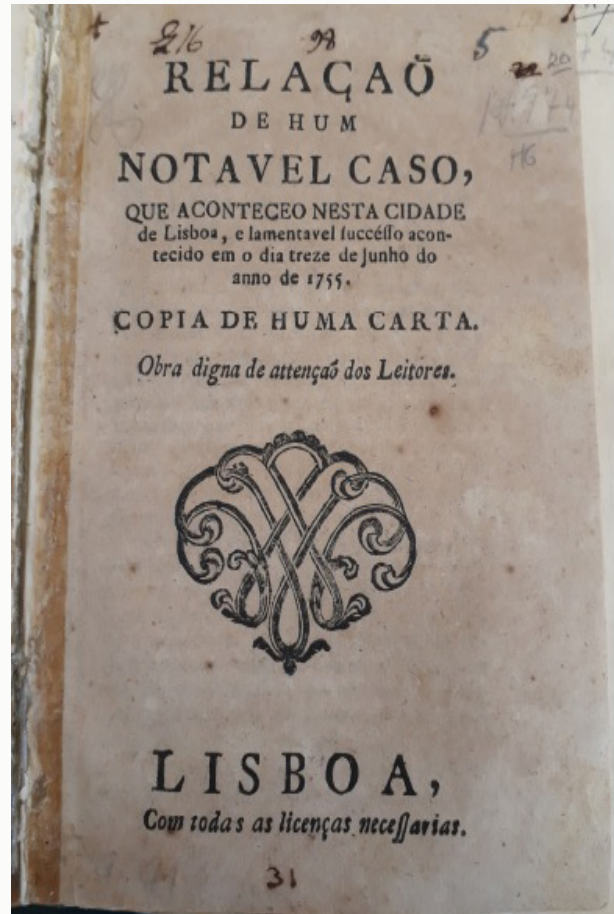
⁴ Merece destaque o capítulo sobre o suicídio na obra da historiadora Alexandra Esteves para a região portuguesa do Alto Minho no século XIX. Analisando casos de suicídio entre 1836 e 1869, a autora apontou que a loucura era a justificativa por excelência e que as causas poderiam variar entre físicas, sentimentais, mentais e econômicas (Esteves, 2015, p. 187). Merecem menção também o estudo de Freitas, 1982 e Guimarães, 2011.

⁵ Veja-se Lopes, 2003 e Guimarães, 2004, além de uma recente tradução: Barbagli, 2019. Veja-se também o dossiê “Suicídio, seus sentidos histórico-sociais e o sofrimento humano”, organizado por Fabio Henrique Lopes e Fernanda Cristina Marquetti no v. 4, n. 7, de 2019, da *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*.

⁶ Dentre outros, citamos aqui o trabalho fundamental do historiador Georges Minois, *História do Suicídio* (publicado em Paris em 1995, mas traduzido e publicado no Brasil em 2018), o livro do espanhol Ramón González-Cobo sobre a história do suicídio no Ocidente (2015), o interessante estudo historiográfico de Daniela Mac-Vicar sobre o suicídio no Chile na primeira metade do século XX (2018) e a publicação do dossiê “Suicídio y Sociedad”, publicado em Montevideu (Uruguai) na *Revista de Ciencias Sociales*, v. 33, n. 46, jun. de 2020.

em Lisboa no ano de 1755, na forma de folheto (veja-se o frontispício na Figura 1), o documento apresenta uma narrativa setecentista bastante comum à época, chamada de literatura de cordel.⁷

Figura 1. Frontispício do folheto *Relação de hum notável caso*



FONTE. Biblioteca Nacional de Portugal

Nessa tipologia editorial que agregava diferentes gêneros, o folheto que apresentamos se tratava de um relato/relação. Em oito páginas, o autor do relato – anônimo – transcrevia a missiva e estabelecia comentários iniciais e finais emitindo seu próprio juízo sobre o conteúdo. O título, relativamente extenso, algo comum à época, silenciava o substantivo “suicídio”: *Relação de hum notavel caso, que aconteceu nesta cidade de Lisboa, e lamentavel succésso acontecido em o dia treze de Junho do anno de 1755. Copia de huma carta. Obra digna de attenção dos Leitores*, foi publicada sem indicação de casa tipográfica no mesmo ano do fato ocorrido.⁸

É este documento que merece nossa atenção neste texto, com a finalidade de tanto

⁷ Literatura de cordel eram os folhetos publicados com “variedade de autores, gêneros e motivos textuais”, de apelo popular, que se vendiam pendurados em cordel ou barbante. O que não significa, necessariamente, que o folheto comentado nesse texto tenha, de fato, circulado em Portugal na forma de cordel. Não temos elementos para essa afirmação, todavia, pelos estudos sobre a “literatura de cordel” e pela materialidade da fonte, podemos, sim, classificá-la enquanto tal. Veja-se Sousa, 2017, p. 173; Ferreira, 2012, p. 16-19; Ramos, 2008, p. 81.

⁸ A Biblioteca Nacional de Portugal guarda três exemplares dessa obra.

indicar algumas potencialidades temáticas de pesquisa de caráter historiográfico, especialmente em relação à morte por meio do suicídio, como perceber um possível entendimento católico desse ato naquele contexto. Soma-se ainda nosso comentário sobre a publicação do texto e a situação em si relatada. Sem entrar no mérito do valor literário, considerando tão somente a potencialidade de fonte histórica que esse documento pode representar ao pesquisador que lança seus problemas de pesquisa sobre ele, podemos dizer que inúmeras são as possíveis entradas analíticas, a depender do tema e da abordagem a ser realizada. Vamos, no entanto, focar este documento enquanto eficaz fonte para uma primeira compreensão cultural do suicídio na sociedade portuguesa de meados do século XVIII.

Por meio da consulta aos catálogos dos principais arquivos portugueses percebemos que no decorrer do século XVIII, nesta literatura de relato, com caráter informativo e comunicativo, era comum o uso de expressões como “notável caso”, “notável e espantoso caso”, “caso notável”, “relação” nos títulos de publicações que tinham como propósito divulgar notícias ou informações curiosas que se transformavam em sucessos de público (leitor/ouvinte) como astrologia, festas, calamidades, roubos, traições, assassinatos, distrações cotidianas nas cortes ou, então, como este documento, suicídios.⁹ Tratava-se de notícias inicialmente divulgadas pela oralidade ou em cartas e panfletos que logo mereciam o interesse de autores, impressores, livreiros e leitores. Nem sempre abordavam fatos ocorridos no próprio reino, sendo, às vezes, assuntos de outras partes da Europa que chegavam como “notícias verdadeiras” ou falatórios que circulavam nas vizinhanças. Tais publicações ganhavam impressão com indicação da autoria ou não, uma vez que poderiam ser divulgadas em anonimato, pois o mais importante era o apelo à curiosidade do leitor. Estas relações de casos curiosos, miraculosos, heroicos, aterrorizantes, utilizavam-se de certas estratégias editoriais, principalmente o modo de conduzir a leitura – seja em voz alta ou em particular –, fazendo com que os potenciais leitores ou ouvintes concentrassem a atenção sobre o enredo narrado. O uso constante de adjetivações, a incitação ao medo, ao desmedido, ao impróprio, a busca pela sensibilização do leitor, certamente, era um método de edição que pretendia qualificar o texto pela sua suposta veracidade ou raridade.

O título da fonte aqui comentada não indicava de imediato o teor da carta transcrita, limitando-se a apontar o fato como sendo “hum notável caso” de “lamentavel succésso”, instigando o leitor para os possíveis sentidos do lamento que anunciava, principalmente porque atribuía relevância do seu valor ao dizer: “obra digna de atençaõ dos Leitores”. De alguma forma, ao abordar o suicídio, a publicação faz perceber um modo possível de como alguns grupos entendiam e encaravam o ato de eliminar a própria vida, fato que certamente não era prática totalmente incomum. O provavelmente curioso para a sociedade da época, no caso, foi justamente a carta deixada pelo suicida e suas intencionalidades quanto à escatologia católica.

A carta descreve o fato ocorrido no tempo presente do narrador. E esse narrador que comenta a carta seguramente era um sujeito católico que enxergava o suicídio a partir do seu filtro religioso, mencionando preceitos da Igreja e reconhecendo o próprio suicida como um

⁹ Além da consulta ao catálogo das bibliotecas e arquivos portugueses, pode-se consultar também ALMEIDA (1968).

homem desesperado, sem juízo e – embora não o diga explicitamente – pecador.

Na transcrição, optamos por atualizar a gramática, sem, no entanto, perder os signos linguísticos em que foi escrito à época; as passagens em latim foram mantidas idênticas ao original documento.

A “Relação do caso sucedido” introduz o tema e a carta, com as seguintes palavras:

Quadro 1. Apresentação da carta do possível suicida pelo narrador

Ninguém sabe para que nasce, mas todos sabemos que o nosso último fim é a morte, castigo do pecado: Per peccatum mors; o modo que cada um há de ter na morte, se há de ser descansada, se aflita, se honesta, ou injuriosa, se breve, ou dilatada, se logo, se daí a muitos anos, Deus o sabe; está com tudo da nossa parte o fazer que seja honesta, e que esta nos alcance em tempo que possamos dar boa conta do que nos foi encomendado, que é a guarda dos Divinos preceitos da Igreja, e então venha a morte quando vier, que, achando-nos aparelhados para dar a última conta, será felicidade, e não infortúnio.

De que valem as riquezas, e sabedorias do mundo, se com as primeiras se não compra o céu, e com as segundas se não consegue a glória? Oh quanto quisera agora o rico avarento ter trocado as pompas da sua mesa pelas misérias de Lazaro! Ninguém por aflito desmaie, porque não há trabalho, que não seja ou satisfação da culpa, ou merecimento do prêmio.

Aconteceu no dia que acima dissemos um lamentável caso, em que se pode ver o que somos; tanto que a mão de Deus nos desampara.

Achava-se por seus delitos preso Agostinho da Silva Cazado, quando no dia supra dita, na casa do Segredo se achou morto, e, segundo se diz, por suas próprias mãos; consigo tinha um papel, que se entende fora feito ou com grande arte, ou com antecipado tempo à sua reclusão: se é apócrifo, ou não, deixo aos leitores: o que ele continha é o que se segue.

Longe de qualquer pretensão de realizar uma análise “interna” e “externa” desse documento a partir de determinados questionamentos e abordagem teórico-metodológica, o que configuraria uma pesquisa histórica sistematizada, pretendemos apenas destacar o que entendemos como potencial temático a ser explorado a partir da identificação depreendida do documento apresentado: o suicídio, um tema, como já mencionado, extremamente lacunar na historiografia portuguesa voltada ao período moderno.

A etimologia do substantivo suicídio deriva do latim *suicidium*, que significa *sui*, “de si mesmo”, e *caedere*, “bater, golpear, matar”. Decerto é que o suicídio desponta como um tema relevante e difícil para a historiografia (com destaque para a historiografia da morte), justamente pela ausência de fontes, tanto por falta de registros quanto por silenciamentos, como apontou Georges Minois logo no início do seu *História do Suicídio* (Minois, 2018, p. 01-02). A historiadora portuguesa Alexandra Esteves também menciona a dificuldade de compreensão do suicídio em diferentes temporalidades justamente pelo “encobrimento” a que “foi votado durante séculos” em Portugal.¹⁰ Abordar o ato de pôr fim à própria vida e os possíveis motivos dessas atitudes em determinadas grupos em épocas específicas, pode auxiliar a entender determinados valores sociais e culturais da sociedade estudada (Minois, 2018, p. 03). E o documento inédito que

¹⁰ No início do século XIX, segundo Esteves, “a maior parte das ocorrências era silenciada, devido ao estigma e à condenação moral que sobre ele recaía” (Esteves, 2015, p. 188).

transcrevemos nesse texto, pode ser um significativo elemento a impulsionar, talvez, futuros estudos, com investimentos em pesquisas mais expressivas, sobre o suicídio em Portugal do século XVIII.

Passamos às palavras do narrador, presentes no Quadro 1. Elas parecem não apontar para uma absoluta certeza de que o autor da carta efetivamente suicidou-se; ele menciona “segundo se diz”, embora seja prudente considerar, para evitar um imediato anacronismo, que essa expressão possuía mais credibilidade no século XVIII do que nos dias atuais. Sendo ou não verídico o documento, a carta ou a circunstância de tirar a própria vida, ou mesmo a indicação de autoria da carta, pois afinal, toda essa publicação – anônima, vale reforçar – poderia se constituir enquanto uma farsa, uma mentira, uma invenção, uma criação; o que importa é o efeito de real pretendido, a qualidade de verossimilhança e a própria construção textual e argumentativa, que revela algum dos possíveis modos como aquela sociedade compreendia o suicídio e também os entendimentos populares dissociados do que a Igreja Católica pregava como necessário para a salvação da alma.

Outro elemento a ser considerado diz respeito ao fato de que Agostinho da Silva Cazado, o indicado autor da carta, era um sujeito que não gozava de vida livre, estava preso por algum motivo (“delitos”). Essa informação não nos passa despercebida, pois leva a questionar quais seriam as possíveis relações entre a prisão e o suicídio no século XVIII.

Na sequência, no Quadro 2, transcrevemos o conteúdo da carta:

Quadro 2. Carta do suposto suicida

Em reverência do Santíssimo Sacramento lhe peço se compadeçam e não se intrometam com os Juízos de Deus, e rezem um Padre Nosso, e uma Ave Maria pela minha alma em louvor de Deus, e lhe roguem os livre de semelhantes tentações, como a minha, causada da impaciência de me ver em uma casa fechado, sem a comunicação de gente, nem esperança de liberdade, antes de todo desanimado.

Pelo amor de Deus peço ao meu Carcereiro, e a seu bom irmão, que sempre comigo se portaram com muita caridade para tudo, queira mandar um recado a minha casa, para que me mandem um Hábito de São Francisco, em que vá a sepultar, aonde quer que for. Perdoo a todos que me tem ofendido, e espero na misericórdia de meu Senhor Jesus Cristo me há de salvar.

Em Nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, Amem. Eu Agostinho da Silva Cazado, creio, e confesso em presença de Deus Onipotente, e da Santíssima Virgem Maria minha Senhora, da Corte Celestial tudo o que crê, e ensina a Santa Madre Igreja de Roma, na mesma forma que os Sagrados Apóstolos o ensinaram, e com as interpretações que os Santos Padres, e os Sagrados Concílios aprovados pela mesma Igreja lhe deram; na qual Fé vivo, e quero morrer, protesto antes da hora de minha morte receber o Santo Sacramento da Penitência e confessar todos os meus pecados ao legítimo Ministro deste Sacramento, daqui já me acuso de tudo o que por pensamentos, palavras, e obras, tenho cometido contra Deus, e contra o próximo, e contra mim mesmo, e contra as Leis Divinas, e da Igreja, e de toda a multidão de meus pecados me arrependo, e me pesa muito, não pelo temor das penas do inferno, ou outro qualquer respeito, mais só por serem ofensas feitas contra Deus, sumamente bom, e digníssimo de ser amado: protesto que no fim de minha vida quero receber o Santíssimo Viático, isto é o Corpo de meu Senhor Jesus Cristo Sacramentado para me unir, e pacificar com Deus,

por meio deste Divino Sacramento; pois pelo amor com que se Sacramentou neste Mundo, espero queira ser comigo em tão perigosa viagem, livrando-me de todas as tentações do Demônio nosso infernal inimigo, levando-me o mesmo Senhor comigo ao porto seguro da eterna Bem-aventurança, onde sempre goze de sua vista; e se neste trânsito último de minha vida não for armado com o Santo Sacramento da Extrema Unção, peço humildemente a meu Senhor Jesus Cristo queira ungir todos os meus sentidos com o óleo da sua infinita Misericórdia, e que me perdoe todas as ofensas, que cometi com meus sentidos contra sua Divina Majestade, e me sacrifique a padecer todas as dores da morte que Deus dispuser eu padeça, e lhas ofereço em satisfação de minhas culpas, e me conformo com sua Divina vontade, rogando-lhe muito me não desampare em tão perigoso conflito; e de todo me entrego ao Arcanjo São Miguel, e Anjo da minha guarda, e os faço Procuradores da minha alma no tremendo Juízo de Deus: e já que o mesmo Senhor entregou a minha alma ao Anjo da minha guarda, para que a guardasse, e defendesse na vida, peço-lhe muito que o faça de modo que para sempre mereça louvá-lo com ele em a glória em companhia dos Bem-aventurados, e queira desde já que tanto que minha alma se apartar de meu corpo seja logo sepultada na Chaga do Amorosíssimo Lado de meu Senhor Jesus Cristo, porque nesta Sagrada, e Vivífica sepultura quero estar sempre louvando aquele ferro da lança que abriu, e fabricou monumento naquele amoroso Peito, e me exponho, e abraço de boa vontade a morte, de qualquer modo que Deus seja servido dar-me, conformando-me em tudo nesta parte com sua Santíssima vontade, e Divino beneplácito em satisfação de meus pecados; eu lhe peço não permita, que eu jamais mude esta minha última vontade.

O conteúdo da carta mostra não somente como o suicídio era encarado pelo próprio suposto suicida e sua perspectiva de salvação apoiada na fé cristã-católica, mas também o contraponto estabelecido pelo narrador a respeito do que significava para ele, e deveria significar para o leitor, o ato de se suicidar frente à possibilidade de encaminhamento da alma no pós-morte. Se não havia espaço para a aceitação de uma mudança de compreensão doutrinária da não-danação de um sujeito que tirasse sua própria vida, existia, isto sim, uma tensão provocada pelo suicida que – ou pautado na ignorância, ou no desentendimento proposital – estabelecia, com clareza, ao seu interlocutor (da carta), os mecanismos necessários para a garantia da sua salvação. O teor da carta no que tange as requisições do seu autor sobre o enterro (com hábito), as orações, os desejos de confissão, entre outros, mostram se tratar de um sujeito bastante esclarecido a respeito do funcionamento dos mecanismos de salvação, o que nos leva a crer – à primeira vista – que o desejo de salvação de si próprio (sabendo que eliminaria a própria vida) foi uma atitude proposital e pretensiosa ou que não havia a intenção de realizar suicídio no momento em que a carta era escrita.

Assim, de pronto, percebe-se que tanto o narrador quanto o autor da carta eram, evidentemente, católicos. No entanto, entre ambos existia ou diferentes compreensões sobre a possibilidade de salvação, um dos principais elementos dos princípios do catolicismo, ou um desconhecimento do autor da carta, ou ainda, nenhuma destas alternativas, caso o autor tenha se referido aos encaminhamentos da alma após sua morte, mas não necessariamente após um suicídio.

Partindo do pressuposto de que o autor da carta a escreveu pensando em eliminar



sua própria vida – que é o modo como o narrador a entende – fica claro sua intenção e preocupação em garantir o bom encaminhamento de sua alma após a sua morte, uma vez que a carta é, em si, praticamente um direcionamento pessoal ao divino. Depois de solicitar à família o hábito de São Francisco para o sepultar, desenvolve uma apurada narrativa pedindo perdão a Deus, solicitando confissão e penitência, declarando arrependimento e temor ao inferno.

E, embora a carta estivesse voltada a um interlocutor cuja leitura da mesma fosse aparentemente realizada após a morte do seu autor,¹¹ em nenhum momento há evidência explícita do autor ao ato do suicídio. Também não há qualquer indício – nem na carta, nem no comentário sobre a carta – a respeito do tipo de morte suicida realizado, o que, conforme podemos presumir, não era o objetivo da publicação. A carta poderia ser lida simplesmente como um testamento espiritual, uma expressão, em vida, dos anseios pelas práticas de cuidados espirituais para com a alma após a morte. No entanto, o horizonte de dúvidas e de plausibilidades do suicídio surge logo no início, quando o autor suplicava ao leitor da missiva que rogasse a Deus para estar livre das tentações que ele próprio dizia sofrer.

Importante ressaltar que no período moderno europeu o que hoje nomeamos como morte auto-infligida ou morte voluntária era considerado uma má morte. Assim, “tirar a própria vida era usurpar o poder e a autoridade da Igreja e da própria morte, e nenhum mortal podia arrogar-se o direito de tomar a decisão de morrer pelas próprias mãos” (Brown, 2001, p. 475). Além disso, estudos científicos a identificar a diferença entre um homicídio e um suicídio (ao menos aqueles realizados por enforcamento), por exemplo, só iriam avançar, na França, na segunda metade do século XVIII, o que leva a crer que poderiam pairar dúvidas nas investigações de *causa mortis* de mortos enforcados eventualmente localizados.¹²

No século XVIII uma tensão entre diferentes entendimentos diante do suicídio começava a ganhar fôlego, promovendo até mesmo algumas ambiguidades.¹³ No entanto, giravam em torno das dualidades entre os contrários e os favoráveis ao suicídio que, grosso modo, podemos reduzir aos discursos moralistas/religiosos e científicos/filosóficos (Minois, 2018, p. 273). Assim sendo, esses dois pensamentos não eram absolutamente opostos e o pensamento moralista e condenatório do suicídio ainda exercia muita força, inclusive nos argumentos de alguns filósofos iluministas. Em Portugal, onde o catolicismo exerceu um peso considerável na vida social, política e cultural – ganhando algumas nuances a partir na segunda metade do Setecentos com as reformas pombalinas – a publicação do panfleto com a carta do suposto suicida em 1755 ainda provavelmente espantasse mais os espíritos cristãos. Bastaria,

¹¹ Fica evidente já no primeiro parágrafo, quando diz: “peço se compadeçam (...) e rezem um Padre Nosso...”. Ou seja, “se compadeçam” e “rezem” no futuro, quando a morte chegar.

¹² No *Tratado Elementar de Medicina Legal* (1855), o médico Januário Galvão indica que a medicina legal foi um “ramo científico” que progrediu na França “depois do meio do século 18”. Seria o “professor Louis” quem “em 1788 começou a publicação das suas memórias acerca de diversos assuntos médico-legais: sobre a certeza dos sinais da morte; sobre a submersão; e sobre os meios de distinguir, nos casos de enforcamento, o suicídio do homicídio” (Galvão, 1855, p. 20).

¹³ Segundo Georges Minois, diversos moralistas católicos acusavam filósofos iluministas de corrupção de costumes e de defesa e favorecimento do suicídio. No entanto, os chamados “filósofos das Luzes” estavam longe de ser apologistas do suicídio e assumiam posturas ambíguas. Por um lado, acusavam o clero de cultivar o medo da morte pela ideia de julgamento e pela pastoral do temor do inferno, por outro, demonstravam pouco apreço pelo suicídio. Os filósofos se interessavam pelo tema, mas hesitavam entre vida e a morte, fé e ateísmo. E Voltaire escreve em 1764: “É melhor sofrer que morrer/Esse é o lema dos homens” (Minois, 2018, p. 277-287).

por exemplo, perceber os impactos que o terremoto de novembro daquele mesmo ano causou nos ânimos portugueses que buscavam explicações espirituais, como castigo de Deus pelos pecados ou benesses do mesmo para a purificação dos hábitos de Lisboa.¹⁴

Relevante notar também que o texto da carta enuncia as possíveis causas do suicídio e algumas locuções específicas revelam esse entendimento: tentações, fechado, comunicação, esperança, liberdade, desanimado. Seriam, assim, inúmeros os ímpetos para a concretização do suicídio a partir dos efeitos solitários da prisão e da desesperança de liberdade, consolidados em sentimentos de impaciência e desânimo.

Vejamos agora, o comentário final do narrador a partir do conteúdo da carta do suposto suicida:

Quadro 3. Comentário final a respeito da carta pelo narrador

Até aqui é permitido expor, e sobre isto fazemos a reflexão devida.

Entendam agora os ignorantes, que todo o homicida de si próprio é moralmente impossível salvar-se: não duvidamos que depois dos miseráveis chega por suas mãos a ofender a sua vida entre aquele tempo, que vai desde que se ofende, até que expira, poderá ter arrependimento, e salvar-se, que para a Misericórdia de Deus qualquer instante basta; mas é mui breve espaço para uma negociação, que é não menos que eterna. Ah homens desesperados, atendei ao que diz aquele Santo Doutor: Ainda àqueles que padecem, pelo que não fazem, uma afronta temporal, e momentânea ir a padecer uma eterna: que loucura! por não ouvir uma sentença na presença de uma República da terra, querer ouvir uma na presença da Celeste! Em uma o Julgador, e Ministro, o Algoz, os Assistentes, sentenciam, votam, castigam, assistem, e se compadecem; na outra não há compaixão alguma; porque, uma vez que o Réu ouviu a Sentença final, todos, e até o mesmo Réu é contra si. A visto disto Deus nos conserve sempre o juízo, e nos tenha da sua mão, para que sejamos dignos das suas promessas.

Ao suicida, perante o tribunal divino, não haveria compaixão e absolvição, diferente da possível justiça terrena compadecida, a qual ele poderia recorrer, enquanto sujeito preso que aguarda liberdade. Ao contrário, como dito logo no início, ao “homicida de si próprio é moralmente impossível salvar-se”.¹⁵ O narrador desejava alertar os potenciais leitores quanto a um equívoco, boato, dúvida ou confusão doutrinária que deveria pairar entre os portugueses da época: a crença na salvação da alma de um suicida. Com isso, deixava o sujeito católico em sobreaviso: ao pensar em eliminar a própria vida haveria de estar consciente da certeza da condenação de sua alma. Não obstante, o próprio suicida era taxativo: “espero na misericórdia de meu Senhor Jesus Cristo me há de salvar”.

A publicação dessa relação com a carta de Agostinho da Silva Cazado, o provável autor do *notável caso de lamentavel succésso* ocorrido em Lisboa poderia assumir um caráter de alerta e prevenção – quiçá motivado pelo medo – de uma epidemia de suicídios e de divulgação de rumores equivocados sobre a salvação da alma cristã. Essa era uma preocupação da época.

¹⁴ Entre tantas referências possíveis a respeito do terremoto de 1755 em Lisboa, restringimo-nos a Priore, 2015.

¹⁵ Escrevendo no início do século XX, em um capítulo sobre o suicídio na Península Ibérica, Dr. Hauser menciona dois procedimentos da Igreja Católica que atravessaram o período moderno: a recusa de sepultura em “terra sagrada” e a negação em realizar missas pela alma do suicida (Hauser, 1913, p. 288).

Quase 15 anos depois, na França, Voltaire, preocupado com os motivos pelos quais as pessoas se matavam, narra o caso de um homem que deixou um bilhete fazendo apologia ao suicídio, mas que “não foi publicado de medo que ele provocasse uma epidemia” [de suicídios] (Minois, 2018, p. 287).

Fonte

Relação de hum notavel caso, que aconteceu nesta cidade de Lisboa, e lamentavel succésso acontecido em o dia treze de Junho do anno de 1755. Cópia de huma carta. *Obra digna de attenção dos Leitores*. Lisboa. Com todas as licenças necessarias, 1755. 8 páginas; in 4º (21 cm).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. Lopes de (dir.). *Catálogo da Coleção de Miscelâneas*: Vols. LXXVI a CLXXV. Coimbra: Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, 1968. 354 p.

BARBAGLI, Marzio. *O suicídio no Ocidente e no Oriente*. Tradução de Federico Carotti. Petrópolis: Vozes, 2019. 552 p.

BROWN, Ron Melrose. Suicídio. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver (coord.). *Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer*. Lisboa: Quimera Editores, 2004. p. 273-278.

CASCAREJO, António Alfredo Gomes. *Dois casos de suicidio por envenenamento pelo acido phenico*. Dissertação apresentada á Escola Médico Cirurgica do Porto. Porto: Typ. C. Vasconcellos, 1904. 70 p.

ESTEVES, Alexandra. *Crimes e criminosos no norte de Portugal: o caso do Alto Minho oitocentista*. Lisboa: Editorial Cáritas, 2015. 324 p.

FERREIRA, Luís Manuel Tarujo. *Vai o Diabo em casa do alfacinha: (des)amores e outras desordens nos entremezes de cordel de Setecentos*. 2012. Dissertação (Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012. 2 v. 972 f.

FREITAS, Eduardo de. O suicídio em Portugal no século XX: elementos empíricos para uma pesquisa. *Finisterra*, Lisboa, v. 17, n. 34, p. 267-300, 1982. <http://doi.org/10.18055/Finis2146>.

GALVÃO, Januário Peres Furtado. *Tratado Elementar de Medicina Legal*. Para uso da mocidade estudiosa, e dos senhores facultativos, advogados, magistrados, militares, jurados, &c. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1855. 480 p.

GONZÁLES-COBO, Ramón Andrés. *Semper dolens: historia del suicidio en Occidente*. Barcelona: Acantilado, 2015. 498 p.

GUIMARÃES, Joana. *Suicídio mítico: uma luz sobre a antiguidade clássica*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011. 196 p. <http://doi.org/10.14195/978-989-8281-92-0>.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. *Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo nos anos 10*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. 258 p.



HAUSER, Dr. Ph. *La geografía médica de la Península Ibérica por el Dr. Ph. Hauser*. Madrid: Imprenta de Eduardo Arias, 1913. Tomo Terceiro: Mobilidad, Mortalidad y Suicidio. 456 p.

HOUSTON, Robert Allan. *Punishing the Dead? Suicide, Lordship and Community in Britain, 1500-1830*. Oxford: Oxford University Press, 2010. 397 p.

HUNTER, Elisabeth K. Between the bridge and the brook: suicide and salvation in England, c. 1550-1650. *Reformation & Renaissance Review*, Cambridge, v. 15, n. 3, p. 237-257, 2003. <http://doi.org/10.1179/1462245914Z.00000000038>.

LOPES, Fábio Henrique. *A experiência do suicídio: discursos médicos no Brasil, 1830-1900*. 2003. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. 233 f.

MACDONALD, Michael. The Secularization of Suicide in England, 1660-1800. *Past & Present*, Oxford, n. 111, p. 50-100, may 1986. <http://doi.org/10.1093/past/111.1.50>.

MACHADO, António Ferreira. *Suicídios e suas tentativas no Pôrto: estatística (1900- 1915)*. Porto: Tese, Faculdade de Medicina do Porto, 1919. 110 p.

MAC-VICAR, Daniela Belmar. *A nadie se culpe de mi muerte: suicidios entre 1920-1940*. Santiago y San Felipe. Santiago: UAH Ediciones, 2018. 246 p.

MINOIS, Georges. *História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Unesp, 2018. 426 p.

NUNES, Alexandre Morais. Suicídio em Portugal: um retrato do país. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 25-33, jan./mar. 2018. <http://doi.org/10.1590/0047-2085000000180>.

NUNES, José Nogueira. *Mortalidade em Portugal*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Porto. Porto: Imprensa Nacional, 1923. 102 p.

PAULA, Ernesto Gragera de. *O suicídio voluntário*. Évora: Minerva Commercial, 1907.

PRIORE, Mary del. *O mal sobre a terra: uma história do terremoto de Lisboa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2015. 324 p.

RAMOS, Ana Margarida. *Os monstros na literatura de cordel portuguesa do século XVIII*. Lisboa: Edições Colibri, 2008. 353 p.

SOUSA, Moizeis Sobreira de. As conexões entre a literatura de cordel setecentista e a ascensão do romance em Portugal no século XIX. *Navegações*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 172-177, jul./dez. 2017. <http://doi.org/10.15448/1983-4276.2017.2.23375>.

VALLE, José Machado do. *O Suicídio*. Dissertação apresentada a Escola Medico-cirurgica do Porto. Porto: Typographia Occidental, 1881. 76 p.

VIEGAS, José Ferreira. *O suicidio livre em face da religião, da moral e da sociedade*. Dissertação inaugural apresentada à Escola Médico Cirurgica do Porto. Porto: Typ. de A. F. Vasconcellos, successores, 1901. 71 p.